

## Priscila



Tenho **40 anos**.

Trabalho na PGE-RJ há **4 anos e 9 meses**. Entrei como **Estagiária de Letras** em 2019, depois me tornei **Servidora Extraquadro**. Meu coordenador foi para Portugal terminar o doutorado e me indicou para a vaga de **Coordenadora de Pesquisa e Publicações Científicas do CEJUR/Centro Cultural PGE-RJ/Convento do Carmo**. Hoje também sou Integrante do Centro de Memória da PGE-RJ.

Não tenho filhos gerados (pretendemos adotar um dia), mas tenho **15 gatos e 1 cachorrinho idoso**. Muitos me perguntam se lembro o nome de

todos, e é claro que sim: **Petit** (era a menor da ninhada), **Lino Julian** (ele se remexe muito), **Mia** (como mia!), **Odara Mariah** (com delineado nos olhos), **Cappuccino** (meu lord inglês com dentes tortos), **Pudim** (docinho), **Tigrão** (O Amarelo), **Mio** (ele é igual à Mia), **Bowie** (porque ele tem um olho verde e outro azul, como o David Bowie), **Pitty** (é a pane no sistema), **Pablo** e **Vittar** (sim, eu tenho um Pablo e um Vittar, irmãos da mesma ninhada que refletem a própria Pablo), **Mingau** (irmão da Petit), **Sabrina** (era para ser Salém) e **Bárbara** (a escandalosa que detesta gatos). Os três últimos eram da minha cunhada maravilhosa, **Carla Musa**, vítima da COVID! E teve também aquele que começou a era dos gatos na minha vida, meu pretinho básico **Meow** (minha jaguatirica, nem dá para acreditar que fui capaz de ainda gostar de gatos depois da chegada dele), que está no céu dos gatinhos. Lógico que não posso esquecer o **Kiko**, meu pinscher de 16 anos, remanescente de uma família de 4 (**Mega**, **Teo** e **Nina**, pais e irmã que viraram estrelinha). Pois é, **sempre tive “alguns” animais**. Sem falar da **Sophia Musa Alice**, uma sobrinha que quase virou filha, mas isso é assunto para outro momento.

Sou nascida em Niterói, professora de português, diagramadora, produtora editorial, dizem que também sou advogada, mas isso eu prefiro deixar baixo. Mulher Cis, pansexual, **casada com uma artista**, minha professora de artes preferida, **Kathleen Maria Paloma Latsch Cherem**. Nome de princesa, dizem, e é **a rainha da minha vida**, meu alicerce quando eu acho que tudo vai desmoronar. Com aquele jeitinho avoadado, ela nem percebe que, muitas vezes, quem está me segurando é ela e não o contrário. E ainda tem a cara de pau de falar que não vive sem mim, sendo que eu que não sei fritar um ovo. O carinho através dos

**atos de serviço**, ela cuida de mim e eu cuido da burocracia familiar. Para mim, **é a minha Tetele**.

Não posso deixar de falar daquela que me moldou como pessoa. **A mulher que sou hoje, devo totalmente a ela!** Nunca foi uma relação fácil, na verdade é bem difícil. Eu não sou a filha preferida (rsrsrs). A minha Dona Hermínia particular, em todos os sentidos, bons e ruins. Mulher forte, determinada, que sempre cuidou de toda família, **uma super mãe**, daquele estilo clássico. Ela pode falar muito mal, já os outros nem tentem! **Uma leoa!** Minha força que agora é meu cuidado, **Nazareth!**

E também preciso falar daquele que sempre foi **o meu colo**, enquanto ela era a força e a ordem, **ele era o chamego**, mas também eu era a caçula de quatro filhos. **Pai que eu sempre admirei**, sua inteligência, seu cuidado com as pessoas, sua política, seu jeito simpático com todos, **sua força quase invisível de tão gentil**. Bastava me olhar e falar “vamos conversar” que meu choro começava, **o seu abraço era um lugar seguro**, quentinho, que me acalmava, me ensinava de um jeito acolhedor. Até hoje esbarro com pessoas que são gratas ao procurador **Jair Soares** (e que eu nem sonhava em saber que você tinha ajudado!).

Não era para eu estar aqui, **nasci com uma doença séria** que os médicos falaram que eu não sobreviveria. Meu pai não aceitou essa resposta, nos mudamos, passamos a morar na casa que ele tinha orgulho em dizer que me salvou. Lá não tinha a poluição da grande metrópole. Mas não foi só a casa, **ele também me entregou para Cosme e Damião**, até hoje eu agradeço com doces. Quando mais nova, não entendia e nem queria me envolver. **Meu pai era uma pessoa de fé, fé em tudo!** Ele topava uma igreja, um centro espírita, um terreiro de umbanda. Lembro que na primeira vez que o levei para uma igreja evangélica, ele foi lá na frente do pastor aceitar Jesus! **Ele acreditava!!** Simplesmente acreditava! Acho que herdei isso dele, fiz tudo e frequentei tudo, mas **foi na umbanda que encontrei minha outra família**. Olha que rodei viu, acho que fugi muitos anos dos **Ibejis**, mas foi lá e com eles que me encontrei. Lá eu lembrei da minha infância brincando na areia do terreiro que meu pai frequentava, possivelmente **aquele chão onde ele me prometeu e garantiu a minha vida**.

Hoje sou **umbandista, quimbandeira e feiticeira**, como minha **Mameto Joana** diz. O “destino” me colocou no caminho do meu **Tata Luan**. Um convite para uma alvorada de Ogum em Mesquita, morando na Tijuca. Não tinha ideia de onde era, mas tinha Uber (na época, o motorista não recebia o destino antes e também não recusou depois, uma aventura, até o GPS parou de funcionar no caminho). A gente ia e depois dava um jeito de voltar. Depois disso, vieram outros convites e não queria mais ficar longe.

No dia que decidi entrar para a família, falei com a Joana e não avisei para o Luan. Como ele dizia, a responsável é ela, tem que falar com ela primeiro. Mas ele quase morreu de ciúmes, afinal somos amigos antes de irmãos de

casa. **Lá eu fui acolhida**, com todas as minhas inseguranças, **filha de lemanjá e Logunedé, com uma lansã** (eita cabecinha danada). Naquela casa fui abraçada por **Maria Padilha e Tranca Ruas**, eles me apresentaram **Dona Sete Rosas**, uma força doce e misteriosa. Ela me guiou e me preparou para o que viria, enquanto ela era sutil, **Maria Navalha** era explosão. Sete Rosas me ensinava com carinho, já Navalha, era na porrada. **Que forças, que mulheres!** Serei e sou eternamente grata por tudo que elas me ensinaram e ensinam. No entanto, não somos nada sem aquele que nos protege do mundo. Se elas foram responsáveis por revirar o meu interior, **Exu Caveira** me protege do mundo! Até invisível em assalto esse homem já me deixou!! **Laroyê meus velhos!**

Já na PGE, eu entrei em 2019, praticamente escondida. **Filha de Procurador do Estado aposentado e não queria que ninguém soubesse**. Durante um período funcionou. Porém, como eu conhecia muito bem a Revista de Direito da PGE-RJ, meu coordenador logo descobriu. **Não queria que a filiação ofuscasse a minha competência**. A caçula, a única que ainda não tinha passado pela PGE, mas fiz questão de avisar ao meu pai que agora eu estava na Casa que ele tanto admirava. Infelizmente, foi mais uma vítima da COVID.

**Sempre fui “a menina que nasceu sem cor”**, como escreve Midria. Inclusive, quando vi a declamação desse poema e postei nas minhas redes sociais, tive o primeiro sinal: um amigo me confundiu com a própria Midria. Durante anos entendia que eu era preta demais para ser branca como meu pai, e branca demais para ser preta como a minha mãe. **Então, o que eu era? O que precisava fazer para entrar numa caixinha social? Para corresponder ao que a sociedade padroniza?** Uma anja me salvou do alisamento, mas as escovas, se não fosse tão difícil encontrar alguém capaz de “domar” esses cachos, eu teria mantido por diversos anos. No entanto **fugi do sol**, quanto menos sol, mais aceita na sociedade, tanto que nem tenho marca de bikini.

**O racismo estrutural faz questão de deixar suas marcas**. Viglada em lojas e confundida com os atendentes (não que isso fosse problema), já estava acostumada. Lembro-me que um dia conversando, alguém me disse: **“Você não é negra, só tem cara de pobre”**. Isso me fez refletir muito. O que seria “cara de pobre”, senão justamente a população negra e excluída por anos de apagamento? Aquilo martelou bastante na minha cabeça. **Tive grandes parceiras nessa caminhada do colorismo e da compreensão das coisas, devo muito a elas! Quero reforçar que foram PARCEIRAS!!! MULHERES FORTES E POTENTES!!!**

Me revelar nessa exposição tem um gosto muito especial para mim. Como diz Midria, “um dia gritaram-me ‘NEGRA!’ e eu respondi”. **Um dia Fernanda gritou-me “NEGRA!” e eu respondi SIM!**

Como não sou boa falando de mim, pedi para uma pessoa muito amada, que tem o dom da escrita, fazer isso e recebi essa pérola produzida por **Ariel Perez**:

“Sempre me dei bem com o oceano; o mar me recolhe e acolhe, arde a minha chaga antes de sarar, e, mesmo ardendo, cura com cuidado. O mar é azul e as ondas se sustentam rítmicas, quebrando em espuma branca que se dissipa no bege da areia e retorna ao início: o azul. Tudo é cíclico, voraz e imenso. O mar repete seus atos naturais; por vezes é manso, por vezes revoltado, sempre na imensidão do azul que nele reflete. É profundo, enorme; envolve, é ancestral.

**Vejo a Priscila como vejo o mar.** Vasta, intensa, profunda, envolvente, abundante, expansiva. O mar se expande, a Priscila também; expande-se cada dia mais nas suas ideias, nos seus prazeres, na sua fé, no seu saber, no seu conhecimento e no seu nome de rainha, que é inteiro sonoro: Priscila Madeira Soares. A força que está no mar, nela também está; por vezes mansa, por vezes tempestuosa, ainda assim, esconde uma sensibilidade ímpar. É a Priscila que me ensina, acolhe, briga.

**Uma das mulheres mais fortes e determinadas que conheci nessa vida.** Ela inspira a continuar, a sonhar, a ser e a se expandir. E, bem como com o mar, que contemplo assentada na areia, ao longe, observo seu ciclo e sua imensidão, onde me inspiro e aprendo. **É honroso para a Procuradoria Geral do Estado ter uma coordenadora tão competente e inteligente para compor seu quadro,** uma profissional que, mesmo em meio a todas as dificuldades, busca solucionar as questões propostas; para além, uma trabalhadora que esparrama sua vastidão em seu trabalho e nos que a cercam.

Assim é a Priscila diariamente; uma mulher que segue seus planos e sonhos, **que conquista e descoloniza espaços,** que se impõe e, também, dispõe, cerceada na coragem e no saber. E por trás de sua coragem está sua ancestralidade, das suas parentes, de Tereza de Benguela, de Lélia Gonzalez. Priscila faz, diariamente, o que a pensadora Audre Lorde configura como *transformar o silêncio em linguagem e ação*; é não se esconder e temer, mas dar corpo à sua voz e expor sua verdade; é não silenciar, mas emitir e validar as falas de outras mulheres tantas.”